

## Editorial

# MENTALIDADE DE DEFESA E AS FRONTEIRAS MARÍTIMAS ATENIENSES NA COYNA DÉLICA DURANTE O SÉCULO V A. C.

*Dr. Alair Figueiredo Duarte*

*(NEA-UERJ / PPGHC – UFRJ – NEMHAAT- UFF - LSC-EGN)*

Abordar as *Fronteiras na Antiguidade Clássica*, torna-se um desafio a todo pesquisador, pois o tema possui problemáticas amplas bastante complexas. Atualmente, a temática necessita de uma revisão historiográfica pelo fato de as atuais publicações serem escassas e terem sido lançadas entre lacunas temporais; as últimas são: André Leonardo Chevitaese (2004), Airton Poline (2008) e de Silvyan Fachard (2013). Nessa conjuntura, deve-se admitir que os estudos realizados ao final do século XIX e na segunda metade do século XX representaram um grande avanço nas pesquisas quanto a territorialidade e fronteiras políades helênicas. A *ágora*<sup>1</sup> helênica teve papel importante para o as pesquisas sobre a temática das Fronteiras Helênicas nos anos que se seguiram.

A partir de estudos sobre a importância da *ágora* helênica, as pesquisas se direcionaram para a análise do significado histórico dos fenômenos urbanos; com isso, se evitou realizar uma mera descrição dos seus tecidos. Na década de 1960 há paralelamente aos estudos sobre a importância da *ágora*, uma evolução nas pesquisas arqueológicas que apresentam novas abordagens metodológicas de análise. Essas novas perspectivas metodológicas, tornaram-se fundamentais na condução das pesquisas que versam sobre o tema e mostram-se aplicáveis até os dias atuais. A partir da década de sessenta, no século XX, duas reuniões científicas surtiram efeitos

---

<sup>1</sup> Em Linhas gerais a *ágora* trata-se do centro de comércio urbano da polis, também lugar de debate e vida social.

sobre centros de pesquisas da Itália e da França - sobretudo, entre membros da Escola Francesa de Roma e da Escola Normal Superior de Pisa. É notório ressaltar que embora os resultados provenientes dessa reunião estejam focados sobre colônias gregas na Mágna Grécia (POLINI, A. 2008: 39-40) – diferenciando-se da região a qual analisamos - o fato nos desperta atenção, por se tratar de um referencial no estudo sobre fronteiras.

Nesse primeiro momento, nosso objetivo busca permitir uma abordagem historiográfica capaz de atualizar e fomentar os debates acadêmicos sobre o tema, além de apresentar novas concepções acerca das *Fronteiras na Antiguidade*, com a inserção do conceito de *Fronteira Marítima* junta a polis de Atenas no período Clássico, no recorte temporal de 483-404 a.C. Nesse propósito, nos utilizamos da análise sobre as relações belicosas ou amistosas da polis dos atenienses, com seus inimigos e aliados no século V a.C. Pois percebemos que o tema quando se tangencia a Antiguidade Clássica, vem mostrando-se atual e mostra-se capaz de permitir a pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, repensarem o presente sob um olhar comparativo, tocando relações políticas, sociais e antropológicas. Tal perspectiva, aproxima Antiguidade e Contemporaneidade.

Documentações textuais do período – Heródoto, Tucídides e o Velho Oligarca – priorizaram o poder militar e político ateniense no recorte temporal supracitado e nos permitiu adotar uma metodologia de análise sobre seus discursos, no qual foi possível sistematizar a formação de um *campo de experimentação comparada*<sup>2</sup>. Tal metodologia de abordagem historiográfica, nos permitiu visualizar que o poder ateniense não esteve limitado a sua capacidade bélica – ao menos nos primeiros

---

<sup>2</sup>Em conformidade com Marcel Detienne o *Campo de experimentação comparada*, exige um trabalho coletivo e para que seja realizado de maneira adequada se faz necessário uma rede intelectual envolvendo pelo menos dois ou três campos de saberes distintos (DETIENNE, 2004:47-48). Nesse processo, além da abordagem histórica, recorreremos as Ciências Políticas, a Geopolítica, Geografia, Antropologia e Arqueologia buscando a construção das Fronteiras Marítimas Atenienses no século V a.C.

momentos da formação de coalizão helênica contra seus inimigos persas - a sua hegemonia política sobre o mar Egeu, no século V a.C., estava atrelada a capacidade de negociar com seus inimigos e aliados através de atividades mercantis associado a sua capacidade de ocupação bélica nas territorialidades em que atuavam. Inclui-se nesse processo: a negociação, a cooperação, articulação e disputa entre os diversos grupos político-sociais que compunham a comunidade pólide dos atenienses no período Clássico. Tal posicionamento e postura política possuía proximidade com doutrina geopolítica da polis, a qual priorizava sua atuação sobre o Mar Egeu se evidenciando como *poder marítimo ateniense*.

Quando mencionamos o conceito de *poder marítimo*<sup>3</sup> remetemo-nos a sua definição na modernidade, pois na Antiguidade, não encontramos nas documentações analisadas o pronunciamento direto ao termo na sua amplitude. O conceito de *poder marítimo* em relação a Atenas Clássica, pode ser apreendido tanto nas palavras do Velho Oligarca quanto nas de Tucídides através das seguintes citações: “*Nossos pilotos são cidadãos e nossa tripulação mais numerosa e melhor que a do resto da Hélade*” (TUCIDIDES: I: 143) e; “*primeiramente, direi o seguinte: é*

---

<sup>3</sup> Em conformidade com Francisco Eduardo Alves de Almeida, trata-se de um conceito polissêmico, contudo, um dos primeiros a buscar uma definição foi Alfred Tayer Mahan que, entre 1879 e 1914 escreveu dezenas de livros sobre História e Estratégia navais, sendo que o “*The Influence of Sea Power upon History 1660-1783*” de 1890 foi o mais significativo. Nele Mahan passou a discutir os seis elementos que afetavam esse Poder Marítimo que seriam a posição geográfica, a conformação física, a extensão territorial, o tamanho da população, o caráter nacional e o tipo de política governamental. As guerras ocorridas no mar entre 1660 e 1783 serviram para confirmar suas proposições em todo o decorrer do livro. Outras obras de Mahan se seguiram: “*The Influence of Sea Power upon the French Revolution and Empire*” de 1892 e “*Naval Strategy compared and contrasted with the principles and practice of military operations on land*” de 1911. Nessas obras o autor norte-americano procurou demonstrar mais uma vez a pertinência de suas conclusões. Outros livros de Mahan tiveram importância, podendo ser mencionados: “*Retrospect and Prospect*” de 1902 e “*Naval Administration and Warfare*” de 1908. Sua concepção está assentada em conceitos muito bem definidos no seu primeiro livro de 1890. Definiu que o Poder Marítimo seria integrado por dois elementos de natureza distinta, os interesses marítimos e o Poder Naval. Os primeiros congregavam valores econômicos e sociais e, o segundo, valores políticos e militares. (ALMEIDA, F. E. Alves de. 2008:5-6)

*legítimo que, em Atenas, os pobres e o povo recebam mais do que os nobres e os ricos, exatamente porque é o povo que conduz as naus e confere poder à cidade” (V. Olig.: 1.2).* Ambas inferências discorrem sobre umas das bases do poder marítimo, o qual toma o caráter da cidadania naquela população, a qual se encontrava voltada às questões marítimas. Tais especificidades, comum a polis dos atenienses no século V a.C., tem por finalidade para a defesa do seu território relacionando-se com sua mentalidade de defesa em terra firme.

Josiah Ober em 1985 na obra, *Fortress Attica*, repensa como era realizada a defesa do território Ático no período Clássico e irá recorrer ao *campo de experimentação comparado* para compreender o funcionamento do seu sistema de defesa. Com base em dados arqueológicos, J. Ober irá identificar o posicionamento das construções dos fortes associados a documentações do período e, destacará a importância desses dados para se pensar as fronteiras atenienses no período Clássico (OBER, 1985: 2-9).

As fronteiras na Antiguidade não eram percebidas em linha contínua como estamos habituados a ver hoje nos mapas cartográficos, ela era percebida através da materialidade. J. Ober evidencia que a Guerra do Peloponeso possibilitou transformações que redefiniram as fronteiras da Ática a partir de uma tradição de cooperação e *coinonia*, a qual exaltava aqueles que eram de uma mesma origem. Nesse contexto, toda a Ática seria pensada como um território único e guarnecido por uma rede de fortificações posicionadas em regiões e locais estratégicos, se assemelhando a *Linha Maginot* francesa<sup>4</sup>. O pesquisador fez um levantamento de

---

<sup>4</sup> A Linha Maginot (em francês: *ligne Maginot*) foi uma linha de fortificações e de defesa construída pela França ao longo de suas fronteiras com a Alemanha e a Itália, após a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente entre 1930 e 1936. O termo *linha Maginot* designa às vezes o sistema inteiro, e às vezes unicamente as defesas contra a Alemanha. As defesas contra a Itália são chamadas *linha Alpina*. O complexo de defesa possuía várias vias subterrâneas, obstáculos, baterias blindadas escalonadas em profundidade, postos de observação com abóbadas blindadas e paióis de munições a grande profundidade.

todas as *phourias*<sup>5</sup> colocadas em relação com as rotas que escoavam o comércio e que se transportariam os tributos pagos pelas poleis aliadas.

Os fortes da Ática teriam um sistema complexo de comunicação visual entre o centro administrativo de Atenas e suas fronteiras. A comunicação entre um forte e outro era realizado por sinalizações de fumaça ou fogo. Essa comunicação permitia garantir a segurança dos recursos escoados nessas rotas de comércio, além de possibilitar a mobilização em caso de ameaças externas. Inclusive os fortes seriam locais de refúgio aos habitantes da zona rural e integravam a *chora* junto à zona urbana da polis, além de serem locais seguro para as trocas. Essas medidas minimizaram o banditismo e incursões inimigas à Ática, pois de 403 a 322 a.C. não foram travadas grandes batalhas nas fronteiras dessa região. (OBER. 1985: 294).

O que é digno de notoriedade é que esse sistema, ao qual J. Ober afirma ser chamado pelos atenienses do período, de *mentalidade defensiva* (OBER. 1989: 294), permitiu uma série de renovações no campo da preparação militar no qual os *efebos* teriam de permanecer seus dois anos de formação na *chora*, sistema conhecido como *péripoloi* (aquele que anda ao redor); tanto quanto, os estrategos foram convocados para visitar e defender a *Chora*, após a perda da região de Óropos para Tebas em 366 a.C. Não se deve esquecer que todos esses eventos citados, tiveram seu embrião no século V a.C. (MÜLLER In: PROST, 1999: 23).

O processo de apontar elementos referenciais que determinariam *zonas de fronteiras*, permitiu a alguns pesquisadores desenvolverem formas e métodos de análises sobre a cultura material encontrada nesses lugares limites. Como exemplo, o pesquisador Sylvian Fachard destaca a operacionalização do método *geoarqueológico* – desenvolvido por D. Rousset - demonstrando ser eficaz para apontar, ou estabelecer, a localização das fronteiras na Antiguidade (FACHARD, 2012: 79).

---

<sup>5</sup> Tributos pagos a Atenas por suas aliadas pela manutenção do *arké*.

Nas perspectivas de S. Fachard, o método *geoarqueológico* permitirá identificar as construções e os elementos culturais em uma zona de fronteira. Na metodologia apresentada há uma interação entre Arqueologia e História, no qual o método se processa em três etapas: primeiramente deve-se compilar um catálogo de todos sítios arqueológicos conhecidos na região, independentemente das supostas limitações tais como, moedas, estelas funerárias (onomástica) e locais de culto; possíveis locais identificáveis de nomes antigos. Esses índices, por sua vez, fornecem marcadores que podem ser ligados a uma ou as outras cidades. O catálogo apreendido pode fornecer elementos "negativos", entendidos como a falta de locais de uma região, que é frequentemente uma característica de fronteiras. Em um segundo momento, pode-se então, traduzir os diversos resultados obtidos em um mapa, traçando-se os limites os quais não são atravessados por uma e outra cidade. Em seguida, destacar as áreas desprovidas de restos mortais e acrescentar a esta primeira grande placa gráfica, linhas oro-hidrográficas entre duas cidades, pois muitos limites naturais têm sido utilizados como referenciais de demarcação. Por último, após reunir estas duas redes de informação, se mantém traçado as potenciais áreas de fronteira, podendo-se, inclusive, se analisar mais a fundo. Retornando para o campo, deve-se desenhar sobre um mapa topográfico várias parcelas - fronteiras hipotéticas que se encontram dentro das áreas selecionadas (*ibidem*: 79-80).

A metodologia apresentada abarcaria mesmo territorialidade marítimas, pois Sylvian Fachard (2012: 80) defende que cada território na Antiguidade projetava seu poder político sobre suas águas territoriais, proporcionando uma *fronteira "imaginária"* comum ao ambiente aquático. Aplicando o método *geoarqueológico* de Denis Rousset, apresentado por S. Fachard sobre a territorialidade da polis dos atenienses – incluindo suas colônias e aliados - no século V entre 483/404 a.C., acreditamos ser possível traçar suas *fronteiras marítimas* a partir de uma intercessão

com o conceito de *mentalidade de defesa* apresentado por Josiah Ober e supra-citado nas linhas anteriores.

Por fim, destacamos que as *fronteiras marítimas atenienses* somente se estabeleceram diante da consecução dos fatos ocorrido no século V a.C., os quais permitiram emergir grandes transformações na esfera social em Atenas que afetaram a perspectiva quanto ao *imaginário social da polis*. Nesse período a comunidade ateniense deliberou modificar sua política de Estado, assentando sua força militar e comercial sobre o mar, e acabou por aceitar o desafio de liderança sobre seus aliados que se encontravam inseridos no contexto político do Mar Egeu.

Atenas manteve hegemonia sobre o Mar Egeu. Através de cinco distritos estabelecidos pela *Liga Délio Ática*<sup>6</sup>. A polis patrulhava militarmente o mar, mantendo o comércio na região ativo. As embarcações mercantes atenienses singravam as águas do Mar Egeu lotadas de *pithós*, escoltadas por naus, *trieres*, prontas para a guerra. Os distritos navais atenienses demarcavam territorialidade a ateniense que os dividia em: Distrito Jônico; Distrito Cário: ilhas de Cós, Rodes e cidades costeiras entre Fasélis e Halicarnasso; o terceiro distrito era composto pelas ilhas Cíclades Lemnos e Esquira; o quarto distrito composto pelas cidades da costa trácia; e por último, o Distrito do Helesponto que compunham as cidades de Bósforo e Prompôtida (MOSSÉ, 2004: 82-83).

Dentro da territorialidade no qual estavam inseridos seus distritos, a polis dos atenienses no período Clássico - séc. V a.C. – obteve liderança política e militar sobre o Mar Egeu estabelecendo sua *política de Estado marítima*. Temístocles por ocasião do seu *archontado*<sup>7</sup>, em 493 a.C., foi quem advertiu para a necessidade de Atenas investir

---

<sup>6</sup> Coalizão helênica sob a liderança de Atenas, visando dissuadir militarmente incursões ou novas invasões dos inimigos persas sob o território helênico. As poleis aliadas deveriam contribuir com embarcações ou recursos pecuniários, assim como matéria prima. Atenas foi eleita líder por possuir maior número de naus.

<sup>7</sup> Magistratura ateniense, no qual um cidadão deveria liderar politicamente a polis pelo período de um

em uma frota de guerra e convenceu seus concidadãos a utilizarem os recursos provenientes das minas de prata de Laurion para construir duzentas embarcações do tipo trirreme<sup>8</sup> (*trieres em grego*), as quais deveriam ser usadas na guerra contra seus vizinhos Eginetas (GONDICAS *In.* BRUN, 1999:29-30). Essas naus, somadas a outras que foram construídas por pouco mais de uma década, tornaram-se responsáveis por auxiliar os helênicos na segunda invasão persa em 480 a.C. (CARTAULT, 2001: 73).

A polis dos atenienses através de suas embarcações do tipo *trieres* reduziu distâncias, dissuadiu os inimigos persas, policiou e controlou politicamente o Mar Egeu no período Clássico. O *trieres* tratava-se de uma nau que poderia servir também para transportar carga e pesava de 70 a 90 toneladas. Com 35/37m de comprimento e; 3,5m de largura, era dotada de um aríete de ferro ou bronze na proa que servia para golpear as embarcações inimigas levando-as a pique. Possuía um calado baixo que comprometia a sua navegação em águas profundas e em condições climáticas desfavoráveis. Sua tripulação se constituía de aproximadamente 200 homens assim divididos: 170 remadores (não escravos), postos em duas filas sobrepostas com as seguinte divisões: 27 nas inferiores (*talamiai*), 27 nas do meio (*zigyai*) e, 31 nas superiores (*tranitai*); um estado maior formado por sete oficiais: um *Trierarca* que comandava a embarcação, um *Kubernetes*, responsável pelas manobras da nau; um *Keulestes*, oficial de remadores; um *Prorates*, oficial responsável pela vigilância da proa; dois *Toikharkoi*, um responsável pelo bombordo da nau e outro pela boreste; um *Trieraulos* - tocador de aulos responsável pela cadência e ritmo das remadas - além de 13 marinheiros, dentre eles um carpinteiro, que era responsável pela manutenção da embarcação; 10 *Epíbatas*, infantas de marinha ou marinheiros armados; além de 4 arqueiros (TAILLARD *In.* VERNANT, 1999: 263). O *trieres* possuía capacidade para comportar até 300 homens a bordo.

---

ano.

<sup>8</sup> Embarcação de guerra que surgiu em meados do século VII com os Corintos.

Os *trieres* atenienses tornaram-se no período Clássico um signo de desenvolvimento e identidade da sua população e proximidade com as questões marítimas. São também exemplos históricos, de que a definição por uma *Política Marítima* adequada as condições geográficas que incluem topografia, clima e solo; podem permitir a ascensão e prosperidade de uma Cidade-Estado.

A propósito das suas condições geográficas, que incluem território, clima e Atenas encontrava-se situada na região Ática formando um triângulo de terra sobre a plataforma marítima no Egeu. Ao início do período Clássico, a Ática geográfica e estrategicamente, se encontrava vulnerável à pirataria e precisaria intensificar a segurança da sua costa. Grande parte do território Ático mantinha fronteira com o Mar Egeu, e este, possuía um valor sem precedentes para a sobrevivência da cidade ateniense. A atividade marítima foi quem forneceu projeção política e militar para Atenas, como nos indica Tucídides (I: 15): *“Os povos helenos, tanto os antigos, quanto os mais recentes que se empenharam em desenvolver uma frota, adquiriram um poder considerável; seja pelas rendas obtidas, seja pelo domínio sobre outros povos”*. Por tudo isso, Atenas no século V a.C. procurava manter sua frota em condições de combate e de comércio e as cidades portuárias atenienses se destacavam pela posição geográfica, tornando a polis atrativa para demais Cidades-Estados da Hélade.

Se nos propormos a analisar o potencial ateniense a propósito da dedicação da sua população às questões marítimas nos apropriando dos apontamentos de A. T. Mahan, podemos partir das seguintes categorizações que podem afetar o poder do mar: I. Posição geográfica. II. Conformação Física, incluindo, se ela mantém conexão com as produções naturais e climáticas. III. Extensão do território. IV. Número de População. V. caráter do povo. VI. Personagem do Governo, incluindo nele as instituições (MAHAN, 1890. 28-30).

Quanto a posição geográfica, a polis dos atenienses a partir de 483 a.C., depositou seus objetivos políticos direcionados sobre o mar. Isso se tornou uma

vantagem sobre aqueles que possuíam fronteiras exclusivamente voltadas para o continente. Nesse propósito, embora a polis dos atenienses enfrentasse problemas em suas fronteiras continentais com a Beócia, localizadas a Noroeste; soube contornar bem esse problema com uma *Política de Estado* voltada para o mar, mantendo o abastecimento da cidade e o comércio ativo.

Quanto sua conformação física, deve-se ressaltar que dos 2600 Km<sup>2</sup> de seu território, aproximadamente 1000 Km<sup>2</sup> era coberto por montanhas e seu solo rico em ferro, sendo pouco adequado para agricultura (CHEVITARESE, 2001, p. 47-48), portanto, o mar tornava-se um elemento positivo e fundamental para sua autossuficiência, expansão e domínio. Logo, o investimento no comércio de cerâmica e abastecimento de grãos através do porto do Pireu, levou Atenas a buscar o domínio sobre as rotas de comércio e o controle militar naval sobre as rotas de cereais que navegaram sobre o *Mar Egeu* de 478 a 412 a.C. (GARSEY, 1996, p. 108). Por ocasião desse recorte temporal, Atenas gozava de um governo democrático no qual todos seus cidadãos, independente da condição social, eram vistos com igualdade no uso do voto, *isonomia*. Tal fenômeno permitia negociação entre os embates que pudessem envolver os diversos grupos políticos e seus segmentos sociais, a saber: aristocracia, oligarquia e *demos* – entendido com a população ateniense de pouco recursos. Faz-se necessário destacar que em conformidade com a classificação censitária instituída por Sólon no século VI a.C., esses grupos se dividiriam decrescentemente segundo sua produção de grãos e capacidade aquisitiva, assim denominados: *Pentasicomedimniói; Hippiiei; Zeugitai e Thetai*.

Com o investimento da polis voltado para a *Política de Estado Marítima*, houve maior integração dos cidadãos da polis com as questões políticas. Pois, os cidadãos do segmento *thete* tiveram maior participação política com sua inserção na marinha ateniense, colaborando de maneira ativa nas operações de ataque e defesa da polis. Tal ação possui relevância, pois por duas vezes tiveram participação decisiva na

restauração da democracia diante das investidas oligárquicas, a saber: em 411 e 404 a.C. Portanto, através da marinha atenienses, cidadãos menos providos de recursos passaram a participar da defesa e do processo de decisão nos desígnios da polis e manutenção das suas fronteiras no mar.

## DOCUMENTAÇÃO

HERODOTO. *História*. Tradução e Introdução de Mário da Gama Cury. 2ª edição.

Brasília: Editora UNB, 1988.

PSEUDO-XENOFONTE. (Velho Oligarca) *A Constituição dos Atenienses*. Tradução do Grego, Notas e Índices; Pedro Ribeiro Martins. Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanístico da Universidade de Coimbra, 2011.

THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Translated by Rex Warner, with an Introduction and Notes by Moses I. Finley. New York: Penguin Grup, 1972.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves. *O Poder Marítimo segundo a concepção de Sir Herbert William Richmond (1871-1946): uma análise comparada com Alfred Thayer Mahan*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

BRUN, Patrice. *Questions D'Histoire: Guerres et Sociétés dans les Mondes Grecs 490-322*. Paris: 1999.

CARTAULT, A. *La trière Athénienne: Étude D'Arqueologie Navale*. Paris: Introvables, 2001.

CHEVITARESE, André. L. *O espaço rural da polis grega: o caso ateniense no período Clássico*. RJ: Fábrica de Livros SENAI-RJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Fronteiras Internas Atenienses no Período Clássico. (Re)Definindo Conceitos e Propondo Instrumentos Teóricos de Análise*. (Revista Phoenix 2004), Laboratório de História Antiga UFRJ. RJ: Ed. Maud, 2004.

FACHARD, Sylvian. *Erétria XXI: La défense du territoire*. Ecole Suisse d'archeologie em

Grèce, 2012.

GARSEY, Peter. *Famine et Aprovisionnement dans Le Monde Gréco-Romain: reactions aux risqué et aux crises*. Traduit par Isabelle Rozenbaumas. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

GONDICAS, Daphnè. *Le monde de la trière*. In: BRUN, Patrice. *Questions D'Histoire: Guerres et Sociétés dans les Mondes Grecs 490-322*. Paris: 1999.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo. Companhia das Letras, 2002.

MAHAN, A. T. *The influence of Sea Power upon History: 1660-1783*. Boston: Little, Brown and Company, 1890.

MÜLLER, Christel. *La defense du territoire civique: strategies et organization spatiale*. In: PROST, Francis. *Armées et Société de la Grèce Classique: aspects sociaux et politiques de La guerre aux Ve et Ve av j.C*. Paris: Editions Errance, 1999.

OBBER, Josiah. *Fortress Attica: Defense off the Athenian Land Frontier, 404-322 b.C*. Netherlands. J. Brill, 1985.

POLLINI, Airton. *Frontières et territoires en Grande Grèce. Arkhéologie et histoire des représentation*. (Thesi) Paris: Universite de Paris, 2008.

TAILLARDAT, J. *La trière athénienn et lá guerre sur mer aux V<sup>a</sup> et IV<sup>a</sup> siecles*. In: VERNANT *Problèmes de La Guerre en Grèce ancienne*. Paris: Ed. École dès Hautes Études en Sciences Sociales, 1999.

VERNANT, Jean Pierre *Problèmes de La Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: Ed. École dès Hautes Études en Sciences Sociales, 1999.

## DICIONÁRIOS

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução de Carlos Ramalhete, com colaboração de André Telles. RJ; Jorge Zahar Editora, 2004.